

Reportagem Especial *
Série: Guerra das águas



SEDE, ESCASSEZ E MORTES NO INTERIOR DO BRASIL

País registrou mais de 63 mil ocorrências causadas por disputas pela água nos últimos cinco anos

Patrik Camporez (TEXTO)
Dida Sampaio (FOTOS E VÍDEOS)

Era noite de futebol. O jogador e líder comunitário Haroldo de Silva Betcel, o Vêú, de 34 anos, foi assassinado com um golpe de chave de fenda nas costas num campinho às margens do Igarapé Tinguu, em Santarém, no Pará. A Polícia Civil disse que o crime ocorreu na disputa entre ribeirinhos e fazendeiros pelo controle do curso d'água que morre no Rio Tapajós. No Brasil de hoje, água virou caso de polícia.

Um levantamento inédito feito pelo Estado revela que há 63 mil Boletins de Ocorrência abertos em delegacias, nos últimos cinco anos, por causa da briga pela água. É um litígio que vem crescendo. Sem conseguir resolver o problema dos conflitos de

terra, o País vive agora uma nova crise. Cada curva de rio caudaloso e de córrego quase seco é disputada à bala, à foice e à chave de fenda. Antes, praticamente não havia registros desse tipo.

O Estado percorreu áreas de tensão no Amazonas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Pará, Paraíba, Pernambuco e Tocantins, além do Distrito Federal. As desavenças envolvem hidrelétricas, indústrias, companhias de abastecimento, fazendas e pequenas propriedades.

Há duos atos tão mesmo entre Estados. Num conflito que chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF), São Paulo e Rio de Janeiro se enfrentam pelo Rio Paraíba do Sul. O curso é um retrato da falta de controle no uso da água, com seu leito atingido pela destruição das matas ciliares e por canais clandestinos. Com menos água, a propensão de secas é aumentada.

Hoje, há 223 "zonas de tensão" permanentes de disputas por

água no Brasil. Há dez anos, eram apenas 30, segundo a Agência Nacional de Águas (ANA).

O Estado analisou 900 ações do Ministério Público Federal, mil registros da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e 200 casos levantados pelo Ibama sobre conflitos por água, fora os BOs. A reportagem avaliou, ainda, relatórios de órgãos do governo federal obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação.

O crime envolvendo água é algo novo na vida dos policiais civis e militares e até dos agentes da polícia ambiental. Para piorar, as secretarias estaduais de Segurança não tabelam esses dados.

Com 12% de toda a água doce do planeta, as 12 regiões hidrográficas brasileiras, como as bacias do São Francisco, do Paraná e do Amazonas – a mais extensa do mundo –, registram o “boom” dos conflitos. Hoje, os rios nacionais são sugados três vezes mais do que há 20 anos. Leia, abaixo, o primeiro dos quatro capítulos da série.



Luto. Viúva reza por Haroldo de Silva Betcel, morto em disputa por igarapé.

SÃO FRANCISCO, UM RIO VIGIADO POR CÂMERAS

Fiscalização no semiárido de Pernambuco irrita quem não consegue pagar licença de cerca de R\$ 3 mil para abastecer sítios e casas

E mais um tempo de tensão e sede no semiárido. Numa sala de 40 metros quadrados, decorada com monitores de alta resolução em um prédio no interior de Petrolina, em Pernambuco, o vigilante Flávio Silva tem uma visão ampla dos canais. Ele e outros sete colegas contam, ainda, com um drone, três moto-patrolhas e uma viatura caracterizada para evitar a retirada de água de antigos canais do Rio São Francisco, 24 horas por dia. A fiscalização irrita os sertanejos que não conseguem pagar licença de cerca de R\$ 3 mil para abastecer seus sítios e casas.

Os "vigias da água" trabalham para uma firma de segurança que presta serviço à empresa Distrito de Irrigação Nilo Coelho (Dinc), uma terceirizada da estatal Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codevasf). Os canais proibidos para boia parte dos moradores e sítiantes foram construídos ainda nos anos 1980 e 1990 para irrigar, especialmente, plantios de frutas para exportação.

ga da nova transposição do rio, iniciada em 2007, as regras de distribuição também sejam proibitivas para os pequenos produtores. A preocupação tornou-se real com a decisão de prefeitos e governos estaduais de deslocarem vigilantes e policiais militares para os eixos, com o objetivo de vigiar onde a água começa a correr. O governo tem dado prioridade ao abastecimento humano e ainda não definiu como será a partilha para a irrigação.

Enquanto isso, os sertanejos se arriscam em retiradas clandestinas, numa disputa silenciosa com a firma terceirizada pela empresa Dinc. "Nossa presença intimida, mesmo a gente não sendo polícia", disse o vigilante Flávio.

A criminalização de quem não tem água é um drama a mais no semiárido. A equipe de reportagem estava próxima do canal, em Petrolina, quando testemunhou o momento em que um morador se aproximou do curso com um balde e um barril, olhou para os lados e, mesmo demonstrando medo, tirou a água dali. Era Cosme Angelo, 26 anos, que dividiria o barril com 20 vizinhos.

Cosme se queixou de que a mesma água disponível à irrigação é proibida para os moradores. "É uma luta diária. Se eu for pegar água direto no rio, tenho que buscar a mais de 20 quilômetros, nas costas. Então, prefiro correr o risco de me verem e chamarem os vigias da água para fazer a ocorrência", desabafou, ofegante.

Plantador de manga na zona rural de

Petrolina, Francisco das Chagas Ferreira Garcia, o Tico Vaqueiro, migrou com a família de Exu para Petrolina há 22 anos.

A migração no rumo do rio provocou inchaço populacional e acirrou as disputas por água na área onde os exportadores de frutas se instalavam. O projeto do Distrito de Irrigação Nilo Coelho é administrado pela CODEVAST. Tico Vaqueiro, 54 anos, só planta em metade dos 20 hectares de sua propriedade, pois não consegue elevar a conta de água, que já chega a R\$ 4 mil. "As empresas conversam direto com o governo e conseguem mais água. Por outro lado, se um pequeno furar um cano e deixar uma bomba-sapo, vai preso", disse.

Início de agosto. Não chove há oito meses em Cabrobó, sertão pernambucano. O casal Rosa Maria dos Santos Landin, de 54 anos, e José Pedro Landin, de 56, não sabe de onde vai tirar água para matar a sede de 360 cabras. A menos de cem metros do sítio deles passa o Eixo Norte da nova transposição. O canal foi inaugurado no fim do governo Michel Temer, mas a água não chegou em volume para ser distribuída.

A obra ainda depende de estações de bombeamento e finalizações dos reservatórios. Rosa e José acreditaram que a água chegaria logo e investiram em plantio de lavoura e criação de cabras. Perderam dinheiro. Para manter os animais, a família sai em busca de garoba, uma planta que contém água.

De volta ao sítio, Rosa e José começaram a contagem das cabeças. Animais não têm retornado. Com o desmatamento da Caatinga, onças se aproximaram à procura de presas domésticas.

Como bichos têm caído no canal, de cinco metros de profundidade, e moradores e produtores retiram água sem autorização, o governo construiu um muro para impedir o acesso. "A água fica pertinho e não podemos tirar. Agora, fizeram essa parede aí", reclamou Rosa. "Para a gente tomar banho, lavar roupa, saciar as cabras, tinha que ser



De olho.
Sala para
monitorar o rio



ONDE FICA



essa aí mesmo. Com o muro, nem essa temos. Meu Deus do Céu!"

O pequeno produtor João de Deus Gonçalves, de 65 anos, costuma conferir, todos os dias, se a obra foi retomada. "Não tenho esperança de que a transposição vá funcionar. Ela anda um pouco para frente e se deteriora

para trás", disse. "Sempre tem bomba queimando, erro de engenharia."

O Eixo Norte da transposição era para levar água de Cabrobó até o Ceará e o Rio Grande do Norte. A água, porém, não passou de Pernambuco — o ministro do Desenvolvimento Regional, Gustavo Canuto, prometeu que isso ocorrerá em breve. João de Deus testemunhou cada passo da obra, desde as primeiras "picadas" abertas no mato durante o governo Fernando Henrique Cardoso.

A nova transposição do Velho Chico foi licitada por R\$ 4,5 bilhões, mas já consumiu, em 13 anos, R\$ 10,8 bilhões. O governo Lula estimou que a conclusão dos dois eixos, Norte e Leste, ocorreria em 2012.

Agora, a gestão de Jair Bolsonaro promete finalizar a obra até o fim do mandato. No ano passado, o Ministério do Desenvolvimento Regional aplicou R\$ 1,3 bilhão no projeto, com investimentos na manutenção e na pré-operação.

"A água do prefeito parece soro, aquele que você bebe quando está com dor de barriga."
José Fernando da Silva Neto



● **'Operação Carro-Pipa'**
Em Pernambuco, soldados do Exército controlam a movimentação de carros-pipa.

● **No capítulo de amanhã**
Búfalos invadem Igarapés dos muros, os índios corsários do Rio Amazonas.



Cerco.
Segurança motorizada impede retirada de água

área onde moram 60 mil pessoas. "A gente definiu a equipe de segurança por questões de furto de água", disse. "No projeto tem 22 vilas de moradores. É natural que ocorram problemas com a questão urbana."

Há 12 anos no projeto, Sales argumentou que os custos da água estão relacionados à manutenção do canal, à energia, ao bombeamento e à segurança das máquinas. "A água não é cara", disse. "O valor cobrado é necessário para manter o projeto em pleno funcionamento."

Sertanejos criticam forma de distribuição

Sobrado, no Vale do Piancó, é uma localidade de chão rachado pela seca, na rota paraibana da água dos caminhões do Exército, mas suas 50 famílias costumam ter sede. Os moradores arrecadam dinheiro para convencer os pipeiros a deixar água, de forma informal.

"Na primeira vez, pensamos que eles iam encher de graça, mas aí pediram R\$ 20. Sempre dou um agrado. Dou uma galinha, dinheiro. Outro dia foi R\$ 50", contou Maria Figueiredo da Silva, de 66 anos, que cuida do marido doente e da sogra, de 99 anos. "(E errado), mas é uma ajuda para eles merendarem." Com o agravamento do problema respiratório do marido, Maria convenceu o promotor da cidade a pedir na Justiça que os pipeiros joguem água na estrada antes de passarem. "Se não deixam água, não podem deixar poeira."

No contrato fechado com o Exército, o governo da Paraíba não incluiu Sobrado. Enquanto isso, a cada meia hora um caminhão-pipa passa pela comunidade, levantando uma poeira marrom que encobre as casas de estaque e palha. Aos moradores sem relação com os "pipeiros" restam duas alternativas. É peregrinar em busca da água barrenta dos raros açudes da região ou ligar para o prefeito. "Ele manda o pipa porque quer ter voto", disse o agricultor Hermes Paulino Figueiredo, 69 anos. "Agora (agosto) não estamos no período de eleição", observou ele, sentado, esfregando as mãos na terra seca e batendo umas nas outras, fazendo poeira.

A moradora Carmelita Paulino, de 61 anos, afirmou que, à exceção da igreja e de duas residências, todas as demais construções são feitas de pau a pique e não têm torneiras. "Quando falta água, a gente vai para o telefone e liga direto para o prefeito. Tenho o telefone dele. Aí a água chega meio salobra, amarelada, mas chega, uma vez por semana. Quando não chega, a gente vai buscar no açude", disse.

Ao Estado, o prefeito João Nildo Leite reconheceu que nunca procurou o Exército para garantir escalas dos pipas. Embora reconheça que a água retirada de poços perfurados pela prefeitura é salgada, ele não pretende mudar a fonte nem o modelo de distribuição. Avaliou que condicionar a entrega de água a ligações para seu celular não é uma prática fisiológica. "A gente não fala em voto. O celular vai estar disponível sempre. É o quarto mandato que eu tenho, graças a Deus. Tudo aquilo que é possível fazer eu vou fazendo."

Filho de Carmelita, José Fernando da Silva Neto, o Germano, 43 anos, tem outra opinião: "Esse prefeito só traz água para a senhora dar voto, mainha". "A água do prefeito parece soro, aquele que você bebe quando está com dor de barriga. Quando você vai para o doutor, ele diz logo: 'É pedra no rim, de tanto sal que tem na água'."

Numa estrada da Caatinga, a reportagem encontrou João Alcide, de 36 anos, primo de Germano. Para ele, a fortuna não está no dinheiro. "Ter água dentro de casa aí, sim, é uma riqueza. Não é?", perguntou ele, com a resposta na ponta da língua.

Em nota, o Centro de Comunicação Social do Exército informou que as denúncias de irregularidades recebidas são apuradas por sindicâncias internas. Comprova a irregularidade, disse, os envolvidos respondem conforme a legislação.



NA WEB Especial.
Acompanhe a série Guerra das águas

estado.com.br/e/ guerradasaguas



Câm medo.
Cosme tira água de canal



Rotina.
Soldado controla caminhões-pipa

Exército controla poços e caminhões-pipa no Nordeste

Barracas militares são armadas na Caatinga. Homens fardados jogam reagentes químicos nos tanques de água dos caminhões. Jipes com soldados cortam as estradas empoeiradas. A operação de guerra do Exército para controlar a água do subsolo virou rotina no sertão nordestino.

O sol é rigoroso em São José do Belmonte, cidade de 30 mil habitantes no semiárido de Pernambuco. Por causa da formação geológica privilegiada e do subsolo rico em água, o município é uma exceção no Polígono da Seca, que abrange nove Estados, e passou a ser cobijado por exploradores. Todos os dias, por volta das 5 horas da manhã, a entrada da cidade fica congestionada de caminhões-pipa.

A farta dos poços criou duas figuras no sertão. Os "outorgados" têm licença para usar a água e vendê-la ao Exército. Na outra ponta, os "mercenários" saem à caça de locais propícios à perfuração clandestina. A corrida desenfreada pelos poços de Belmonte levou o governo federal a chamar o Exército para controlar e distribuir a água da região, que também é levada em pipas para a Paraíba e o Ceará. O município tem mais de mil grandes buracos de até 150 metros de profundidade. Em cada ponto de captação há uma equipe do Exército.

Um desses poços controlados em Belmonte pertence a Célio Assis Mariano, o Mano, de 40 anos. Com 170 metros de profundidade, jorra 38 mil litros de água por hora e é considerado um dos mais produtivos do município. "É como se eu tivesse acertado na 'lota'. Todo jovem quer ser dono de um poço artesiano e não precisa trabalhar na água dos outros, ser dono de

um poço que jorra água docinha."

A perfuração começou faz uns 30 anos. "Só que agora tem que dar uma freada, não é? Tem muitos poços aí que a gente sabe que estão a 30 metros um do outro, sendo que o limite é 500."

O poço de Mano atende de 90 a 150 caminhões-pipa por dia. Ele vende cada carga a R\$ 10, o que lhe garante até R\$ 1.300. Nas proximidades, os "mercenários" perfuraram pelo menos dez outros poços. "O negócio deles é lucrar com a água. Vendem para qualquer um que aparece", reclamou.

A região envolta da propriedade dele parece uma área produtora de petróleo. Tratores e caminhões entram e saem carregando brocas desmontadas de perfuração – com as peças engatadas, as brocas chegam a ter o tamanho de um prédio de cinco andares. A busca pela água é incessante. "Está imoral", lamentou Mano.

"Primeiro carregavam água em jumento. Era a maior dificuldade do

mundo. Os jumentos foram substituídos pelos caminhões", relatou Francisco Ferreira Fraga, pipeiro, 67 anos. "As pessoas gostam de beber a água do Exército, pois é de poço profundo, colhida todo dia. Não é igual água de açude, que tem gosto de velha. Essa água não acaba, não. Só Deus é que acaba com água. Todo dia surge um poço."

O governo de Pernambuco afirmou que o Exército distribui, em 2019, água a 500 mil pessoas, em cem cidades. Levantamento feito pela Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa), a pedido do Estado, identificou gastos do governo estadual da ordem de R\$ 82.403.882,97 com pipas, nos últimos cinco anos.

O gerente executivo do Distrito de Irrigação Nilo Coelho, Paulo Sales, afirmou que o trabalho de vigilância é necessário para evitar vandalismo nas estações de bombeamento e retiradas clandestinas de água. Ao Estado, ele observou que os canais cortam uma